



**Número 5 - Novembro de 2008**

<b>EDITORIAL</b> – Falar é fiar e o fio tece o mundo	2
<b>APRESENTAÇÃO</b> – Manhã do CIEN	4
<b>HÍFEN</b> – Por uma política das palavras e o dom da palavra	6
<b>ENTRE-VISTA</b> – CIEN-Digital pergunta a três artífices da palavra	12
<b>LABOR(a)TÓRIOS</b> – De uma língua a outra: suas respostas	14
<b>ÓRBITA</b> – A oferta da palavra hoje: O que falar quer dizer?	12
<b>PONTO DE VISTA</b>	23

Para ler o **CIEN-Digital**, ajuste o documento à tela e pressione as teclas **Page Up** e **Page Down** de seu teclado para mudar de página

Maria Rita Guimarães

*CIEN-Digital antecipa a palavra ao se antecipar à Manhã do CIEN, evento prévio ao XVII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano a acontecer proximoamente no Rio de Janeiro.*



*A Manhã do CIEN será o momento de interrogação e testemunho de quais são as respostas possíveis que o trabalho de cada Laboratório vem realizando no tempo de generalizada oferta da palavra. No ensejo dessa Manhã do CIEN, tecida pelo fio da palavra e da linguagem, cada laboratório, de cada canto do Brasil, comparece como uma linha que se associa à outra, fomentando o entusiasmo no tempo e no espaço.*

*É hora de afirmar nossa memória em relação ao que nos transmitiu Judith Miller, respondendo à própria pergunta – Por que um boletim eletrônico do CIEN no Brasil? –, publicada no*

*CIEN-Digital n. 1. Referindo-se aos laboratórios, Judith Miller diz:*

(...) com a orientação do CIEN, ao apreender as condições às quais a tradução em palavras dos impasses se colocam, um laboratório opera uma modificação, uma mutação, uma perspectiva de subjetivação, bem diferente da passagem ao ato cega ou o caminho da repetição sintomática. Eles afiam a vigilância requerida pelo fio vermelho que encarna o traço de união.

*Os textos aqui publicados pretendem dar conta dessa orientação que corresponde à afirmação de Lacan no texto Conferência em Genebra sobre o sintoma: “a escuta forma parte da palavra.” Sendo a psicanálise o reino da palavra, é por ela e sua palavra que os Laboratórios buscam aprimorar-se, à escuta de suas possibilidades de criar e inventar. Essa perspectiva de funcionamento do significante encaminha à poesia. É o que se espera como saldo da leitura deste número 5 do CIEN-Digital?*

*Um verso de Cecilia Vicuña<sup>1</sup> dá a dimensão do inventar e criar com a palavra, levando em alta consideração a relação da psicanálise e a poesia.*

¿La palabra es el hilo conductor, o el hilo conduce al palabrar?

Ambas conducen al centro de la memoria, a una forma de unir y conectar.

Una palabra está preñada de otras palabras y un hilo contiene otros hilos en su interior.

Metáforas en tensión, la palabra y el hilo llevan al más allá

del hilar y el hablar, a lo que nos une, la fibra inmortal,

Hablar es hilar y el hilo teje al mundo.

---

<sup>1</sup> Cecilia Vicuña nasceu em Santiago do Chile e reside em Nova York. É pioneira na fusão entre poesia, pintura e instalação: seu trabalho é reconhecido como criação que traz à luz uma obra. Publicou vários livros, entre os quais um chama a atenção pelo título PALABRarmas (1984).

## MANHÃ DE TRABALHOS CIEN- BRASIL

### A OFERTA DA PALAVRA HOJE: QUAIS AS RESPOSTAS DO CIEN?

*Cristiana Pittella de Mattos, Heloisa Telles,  
Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, Teresa  
Pavone (Comissão de Coordenação e Orientação  
do CIEN-Brasil)*

O uso da fala, como instrumento de transformação e ação, pode ser reconhecido em um amplo e variado espectro de intervenções: desde propostas com declarados objetivos terapêuticos até as concebidas para incidir sobre questões sociais, educacionais, políticas, religiosas etc. Muitas destas propostas surgem em um universo no qual o saber está essencialmente dirigido ao utilitarismo que tudo funcione, em conjunção com o discurso da ciência e da tecnologia que pretendem uma previsibili-

dade sobre o sujeito. O ponto comum entre muitos destes dispositivos é a presença de um modelo identificatório, e o fato de a fala encontrar-se referendada a uma escuta pré-concebida, ancorada em saberes e conceitos estabelecidos.

Há alguns anos, Éric Laurent<sup>1</sup> destacou, justamente, esta tendência visivelmente crescente em nossa civilização: fazer com que a palavra se torne cada vez mais útil e eficaz. Recorreu, ainda, ao significante "psicoterapia generalizada" para nomear o fenômeno da multiplicação daqueles espaços nos quais "falar possa ser útil" e "ouvidos especializados possam acolher a palavra". Falar se tornou, em nossos dias, um imperativo, e a palavra se encontra, nesta perspectiva, concebida como um "instrumento de bem-estar"<sup>2</sup>.

Como conseqüência desta oferta generalizada, temos, dentre outros aspectos, um não-lugar para o que se apresenta como enigmático e para o que irrompe de forma inesperada, ou seja, um não-lugar para o mal-estar estrutural, uma vez que, sob a forma de "psicoterapias democráticas ou conversações amistosas apaga-se a causalidade psíquica em benefício de

uma causalidade científica"<sup>3</sup>. Nesta mesma ocasião, Laurent indicava uma direção: aí onde imperam a "mecanização do mundo" e a "aspiração à foraclusão do sujeito", o CIEN teria como meio aquilo que Lacan denominou o "dom da palavra".

Se o CIEN tem por orientação oferecer dispositivos onde a palavra possa se tornar, pela forma como é escutada, um instrumento de criação de respostas e de abertura de caminhos inéditos, – ou ainda, como indicou Judith Miller, o inconsciente possa, no mundo contemporâneo, tornar-se audível<sup>4</sup> – esta orientação tão rigorosamente difundida merece ser entendida como uma aposta e, como tal, merece ser verificada.

Estas questões inspiraram a escolha do tema desta Manhã de Trabalho do CIEN Brasil. Esperamos que os participantes dos laboratórios nos transmitam, a partir de suas experiências, como repercutem no social os efeitos da fala que leva em conta os mal-entendidos inevitáveis que ela provoca e que, ao serem escutados, permitem a localização de impasses e a construção de novas respostas. Estamos

diante de uma questão fundamental: *o que falar quer dizer?*<sup>5</sup>

O trabalho interdisciplinar do CIEN nos laboratórios, a partir dos usos que se faz da incidência da fala de cada um sobre os demais, faz aparecer a dimensão da coresponsabilidade. Temos como desafio, portanto, formalizar e fazer avançar esta experiência, e estabelecer diferenças em relação a outras práticas que igualmente tomam a oferta da palavra como instrumento e à própria psicanálise aplicada. Nossa experiência diz da eficácia do uso da palavra, mas também de seu difícil manejo: como servir-se da transferência de

modo a favorecer algum desajuste das identificações, tal como proposto por Laurent?

Pretendemos recolher, por meio das contribuições dos Laboratórios, as conseqüências e efeitos do uso do debate interdisciplinar e do uso da psicanálise em sua extensão aos sintomas sociais. Para tanto, convocamos ao trabalho aqueles que, com determinação e entusiasmo, participam da experiência do CIEN no Brasil.

---

### Notas

[1] Laurent, É. "Retomar la definición del proyecto del CIEN y examinar su situación actual". In: *El Niño - Revista del Instituto del Campo Freudiano/CIEN*, número 10, Barcelona, Febrero

de 2002, p. 10-18. Texto Apresentado no *II Colóquio do CIEN "O dom da palavra"*. Éric Laurent é psicanalista e assessor do CIEN.

- [2] Cf. proposto por J-A. Miller, com a participação de Éric Laurent, no curso "O lugar e o laço" (2000-2001), lição V.
- [3] Udenio, B. "Adoptar su responsabilidad: el don de la palabra e sus consecuencias". In: *Cuadernos CIEN* 4, Buenos Aires, 2001.
- [4] Intervenção de Judith Miller, citada por Phillippe Lacadée no *Relatório da Associação do CIEN*, 2007, disponível no Anuário CIEN Brasil 2007/2008.
- [5] Cf. Lacadée, P. "Uma terra estrangeira interna". In: *CIEN-Digital*, n. 04, jul. 2008, p. 11.

## □ DOM DA PALAVRA NA CONSTRUÇÃO DE UM LABORATÓRIO

*Maria do Rosário Collier do Rego Barros*

Em nossa reunião mensal de laboratórios no Rio de Janeiro nos perguntamos que "condições mínimas de discurso" [1] são necessárias para podermos operar com a conversação seguindo a orientação do CIEN. Constatamos que, ao falarmos em laboratório em formação, estávamos nos referindo a um tempo preliminar necessário à construção dessas condições mínimas de discurso.

Estamos no discurso, nos indica Lacan, seja ele do mestre, da histórica, do universitário, ou do analista, quando localizamos um ponto de impossibilidade a partir do qual se produzem seus efeitos. Circulamos por esses discursos nas diversas formas de fazer laços com os outros, e, no caso dos laboratórios, com outros profissio-

nais, que, como nós, têm questões e dificuldades próprias à sua prática.

O discurso é então uma forma de usar a palavra e a contingência do encontro para fazer laço social. O trabalho no laboratório interdisciplinar tem que cuidar para que a circulação da palavra, ao fazer laço entre seus participantes, leve em conta o ponto de impossibilidade não como impotência, desistência, mas como convocação à invenção.



*Camille Claudel*

Para criar condições mínimas de discurso na prática interdisciplinar de um laboratório, precisamos localizar onde estão situados esses pontos de impossibilidade. Quando se começa a falar, eles aparecem em primeiro lugar sob a forma de queixas que terminam por dar consistência a um Outro fragmentado que exerce seu poder subrepticamente, de forma opaca. Em uma época em que o Outro não está localizado em nenhum personagem identificável, o poder fica por um lado anônimo, funcionando burocraticamente, e por outro, a cargo de uma instância feroz, que opera de forma paradoxal no interior de cada um, transformando em desprazer e sofrimento a satisfação que lhe é própria. A impossibilidade própria ao discurso para permitir o laço social vira então um obstáculo intransponível.

Nossa questão é então de como fazer desse obstáculo apenas uma pedra no meio do caminho, na qual podemos tropeçar e com esse tropeço reorientar a caminhada, ou podemos também aprender a contornar, ou deslocá-la do lugar, sabendo, no entanto, que pedras sempre encontraremos pelo caminho.

Quando essa instância paradoxal que é o supereu opera a todo vapor, ela oprime o sujeito com o peso de imperativos que o levam a romper os laços para ir além dos pontos de impossibilidade. Esse é um risco que correm os diversos profissionais, como também as crianças e adolescentes, que eles têm a função de educar, de tratar, de julgar, etc.

A fala de uma professora, que participa do laboratório Práticas de Conversação, dá uma dimensão dos efeitos nefastos do supereu, quando diz que se deu conta de como ela e outros professores dessa escola estavam entrando no discurso de confronto com os alunos, o que os empurrava para passagens ao ato de ambos os lados. Este confronto era a tal ponto desgastante que eles terminavam por perder o contato com o desejo que os mantinha nessa escola e com o prazer que tinham com esse trabalho. Ao reconectarem-se, pelo trabalho do laboratório, com o impossível de domar, de controlar o que escapa nas manifestações dessas crianças e jovens, eles começaram a inventar novas formas de lidar com as situações de conflito e impasse. Por exemplo, uma professora pede que o aluno faça o seu dever e ele diz

que não vai fazer porque não gosta dela. Ela não faz mais como antes, quando dizia: “*vocês não querem mesmo nada. Estão pensando que estão falando com sua mãe, que fala o que quer?*”. Ela simplesmente responde: “*Mas eu gosto de você e por isso você vai fazer o dever*”.

Essa resposta da professora faz corte no imperativo de confronto e indica sua mudança de posição em relação à causalidade dos comportamentos das crianças e adolescentes. Ela, como também os outros professores desse laboratório, começa a se permitir pensar que a causalidade não é fruto de um determinismo implacável, mas tem a ver com o que faz corte na contingência dos encontros, que para cada



um presentifica um limite de saber, de controlar, de explicar. É o consentimento com esse limite que tem lhes permitido encontrar novos caminhos para evitar o confronto desesperado.

Concluo com o que disse um professor ao falar dos efeitos do trabalho do laboratório: “A nossa fala agora está sempre levando a conversa”. E na conversa eles aprenderam a fazer corte.

---

## NOTAS

- [1] Laurent, Eric: “Retomar la definición del proyecto del CIEN y examinar su situación actual” in El Niño - Revista del Instituto del Centro Interdisciplinar de Estudios del Niño n. 10. Distribuição Paidós Ibérica.

---

## DE FLORES E PALAVRAS, DE AMOR E SEXO: POR UMA POLÍTICA DAS PALAVRAS<sup>(\*)</sup>

Célio Garcia

Uma planta trepadeira sobe na minha varanda. Chegada a primavera, entreaberto botão entrefechada flor chama a atenção. O dia revela cada manhã o que a noite esconde, a tensão entre botão e flor, cada um querendo levar

vantagem. Um dizendo não para o outro. A seiva e as proteínas necessárias para que a operação se produza agem na calada da noite. Só vai restar a flor, foi-se o botão. Quando vem a flor, ela se abre afirmativa, ela se esgalha por todos os lados, não deixando margem à dúvida. Ela sobreviveu. Literalmente, ela viveu, o botão não. O que era botão morreu. Um dizia *não* para o outro; só um sobrevive.

A igual destino estava destinada a flor. Um dia ela também caiu. Ambas estão votadas ao não. À morte, pensam os filósofos.

E não se falou mais disso entre os pássaros que esvoaçavam em volta, bicavam, levavam o néctar, traziam coisas que faziam a planta prosperar.

Ao que pareceu aos filósofos positivistas, a linguagem, essa maravilhosa capacidade de falar, conheceria tratamento semelhante. Ela é a morte da coisa que ela representa ou apresenta no cenário da vida. Cada palavra uma coisa; uma coisa para várias palavras, em caso de sinônimos.

Diferentemente das flores, e malgrado o filósofo positivista, no caso da linguagem, mais de uma (palavra) sobrevive, uma ao lado da outra, o que dá a cada termo caráter de singularidade tornando difícil a tradução.

Foi o que nos ensinou Bárbara Cassin, editora desse *Dictionnaire des intraduisibles*. Barbara Cassin deu a público em 2004 resultado de

trabalho de quinze anos em forma de dicionário cuja originalidade não escapou aos leitores e críticos. O dicionário tem como título "Vocabulaire européen des philosophies".

Habitualmente, um dicionário está destinado a registrar definições e fornecer sinônimos; no caso do dicionário de Barbara Cassin, é a homonímia que será explorada como princípio assumido quando encontrada entre as línguas por ocasião de uma tradução ou no interior de uma mesma língua. Homonímia constitutiva, esclarece a organizadora do dicionário e não homonímia acidental. Hannah Arendt, lembrada por Bárbara Cassin, havia apontado para "uma titubeante equívocidade das línguas".

Não há sinônimos perfeitos, nos advertira o dicionário na escola secundária. Agora, sabemos a operação em pauta é mais radical: os termos são lastreados pela homonímia. Os filósofos positivistas tremeram em suas bases ao terem notícia do dicionário dos *intraduisibles* e da sobrevida dos termos uns ao lado dos outros.

A tarefa passa a ser então, não de traduzir, mas tornar compreensível uma eventual impossibilidade de equivalência. Onde o termo "dicionário de termos intraduzíveis" atribuído a alentada (1530 páginas) fonte de consulta e ensinamento.

O adágio "tradutores, traidores" é bem conhecido; Barbara Cassin foi mais longe ao

chamar atenção para o fato de que certos termos não têm equivalente em determinada língua. O conceito de intraduzível assinala essa dificuldade de encontrar um equivalente em outra língua. Assim o termo grego *logos* tem sentido tão extenso que vem a ser impossível traduzi-lo; ele nos remete a uma pluralidade de termos distintos, por exemplo, discurso, língua, racionalidade, razão, explicação. O termo latino *ratio* só recobre uma parte das significações possíveis.

Outros bem conhecidos com suas traduções e equivalências consagradas foram assinalados por Bárbara Cassin, como esta palavra russa *Pravda* (nome do conhecido jornal). Indaga a equipe de trabalho coordenada por Bárbara Cassin: trata-se de justiça ou verdade? Parece então que há um esclarecimento a ser feito, já que não é uma boa tradução dizer que *Pravda* quer dizer Verdade. O termo *pravda* evoca para os de língua russa outras coisas além de verdade.

São inúmeros os termos assim examinados, para os quais a homonímia ou uma tradução consagrada são considerados. Sabemos que todos nós fomos acostumados sem mais problemas à tradução consagrada.

Nem seria preciso ir longe quando lembramos o termo *sentido* nas línguas latinas, marcado pela homonímia, ele ora aponta para significação, ora para sensação.



Sim, qual é a Lógica que passa a valer?  
Lógica da Predicação, significantes identifi-

Já São Paulo proclamava que não havia nem judeus, nem gregos, nem bárbaros, nem homem, nem mulher, (a que Badiou acrescentaria nem árabe, nem judeu).

A tese de Badiou diz que este predicado "judeu" seria uma ameaça para os próprios judeus, havendo contribuído para o extermínio durante o regime nazista, já que ele convoca a exterminação. A verdadeira lição a ser tirada do nazismo é que não deveríamos reservar um lugar privilegiado para predicados identificatórios.

Mesmo em se tratando de um nome como "imigrante" na batalha da regularização dos "sem documentos", atualmente tornou-se importante abandoná-lo, assim como nomeações tais que "imigrantes", "clandestinos", pela visão negativa e pejorativa contidas nesses termos.

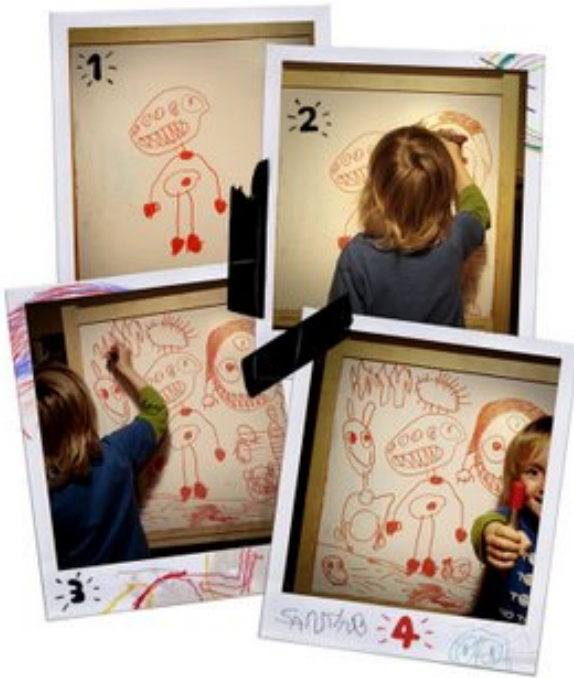
Aliás, a democracia moderna pretende valer para todos sem menção de predicados. Pelo contrário, uma pluralidade irredutível de nomes próprios é o único real com que contamos em oposição à ditadura dos predicados.

Prática política das palavras. (Para Blitz e a Rádio Taquaril).

## ABC

*(Bertolt Brecht)*

Aprenda o mais simples! Para aqueles  
Cuja hora chegou  
Nunca é tarde demais!  
Aprenda o ABC; não basta, mas  
Aprenda! Não desanime!  
Comece! É preciso saber tudo!  
Você tem que assumir o comando!  
Aprenda, homem no asilo!  
Aprenda, homem na prisão!  
Aprenda, mulher na cozinha!  
Aprenda, ancião!  
Você tem que assumir o comando!  
Frequente a escola, você que não tem casa!  
Adquira conhecimento, você que sente frio!  
Você que tem fome, agarre o livro: é uma arma.  
Você tem que assumir o comando  
Não se envergonhe de perguntar, camarada!  
Não se deixe convencer  
Veja com seus olhos!  
O que não sabe por conta própria  
Não sabe.  
Verifique a conta



catórios.

A tese de Badiou diz, no livro "Alcance do nome judeu": O universal se alcança pela anulação de toda particularidade.



Na intimidade dos homens, elas circulam? Das mulheres?

Finalmente, levar até os meninos e meninas uma política das palavras. Quanta coisa eles deixam de dizer já que contam com cerca de 500 palavras (sendo um falante de fraca escolaridade), enquanto que um universitário terá a sua disposição cerca de 50.000. A construção de uma frase por parte de um falante privado dos recursos do modo subjuntivo e/ou condicional será deficitária no manejo dessas modalidades. Aprendam o subjuntivo, o condicional, teria dito Brecht.

Finalmente, dizer e levar a eles que o sexo é palavras, não basta fazer apressadamente nos banheiros, sem condição de satisfação. As meninas são mais exigentes a medida que crescem e se tornam adultas, cabendo às históricas estimularem os homens a buscarem mil

formas de viver, de falar, ou seja, fazer funcionar o mundo.

Finalmente, situar a *agitação* no contexto da escola precária, empobrecida, sem pessoal politicamente evoluído, esvaziada já que sem discurso que substitua o discurso melífluo da antiga professora.

As professoras têm muitos problemas em casa; eventualmente sofrem por frustrações de ordem sexual. Antigamente se compensavam na escola considerando o próprio trabalho como uma missão, fazendo investimento afetivo sexual nos meninos/meninas com sentimentos por vezes homoafetivos, tudo acobertado pelo discurso pedagógico. Atualmente esse discurso foi desmascarado pela agressividade dos meninos/meninas, não sendo substituído por nenhum outro que desse conta do que realmente se passa nas escolas.

Levar para eles material de proteção na prática de atividade sexual. Falar da gravidez em adolescentes. Solicitar que levem canções, que façam letras de músicas, pequenos poemas, cartinhas de declarações de amor. Descrição de uma atividade sexual sem fazer uso de termos chulos, freqüentemente agressivos, cheios de temor. E que o sexo, tanto quanto o amor, vai continuar a ser um enigma!

---

## NOTAS

[\*] Célio Garcia participa do Laboratório Medidas de Liberdade e Responsabilidade e do Laboratório Entre as fronteiras das Práticas Sócio-educativas. Seu comentário foi a propósito do trabalho apresentado pelo Laboratório Saber em Rede, em Noites do CIEN.

## CIEN-DIGITAL LANÇA PERGUNTAS A TRÊS ARTÍFICES DA PALAVRA

**Ana Lúcia Holk**, psicanalista, nomeada AE pela Escola Brasileira de Psicanálise, fundadora de Digai-Maré! Esta ONG é um projeto de consultas e atendimento psicanalítico, gratuito que se inscreve no Campo Freudiano.

**Leo Cunha**, poeta, escritor, autor de livros infanto-juvenis, participante do laboratório Linguafiada

**Edmundo de Novaes Gomes**, dramaturgo, autor do premiado romance Falar  
Confirmam suas respostas!

**CIEN-Digital:** O que você faz com as palavras, ou o que elas fazem com você?

**Ana Lúcia:** Faço coisas diferentes conforme a ocasião: às vezes escolho uma e vou lentamente esquecendo tudo que ela diz ou já me disse, até que eu possa reencontrá-la inteiramente nova. Às vezes corro desesperadamente atrás de uma e acontece de encontrá-la ou não.

Às vezes uma palavra se apresenta inesperadamente, e se não estou distraída tomo-as com cuidado. Mais raramente, acontece que eu consinto às palavras que surgem, não sei bem de onde, e deixo que elas me tomem.

**CIEN-Digital:** Qual a importância de ofertarmos a palavra hoje?

**Ana Lúcia:** Será que ofertamos a palavra ou ofertamos nossa leitura, para que assim elas nos cheguem?

**CIEN-Digital:** O que você faz com as palavras, ou o que elas fazem com você?

**Leo Cunha:** Acho que antes de tudo eu brinco com as palavras. Pra mim a poesia é sobretudo um jogo. Não renego o lirismo, e sei que muitos textos meus são tidos e curtidos como líricos, mas o lirismo surge, quando surge, mais da associação de palavras, dos sons e dos ritmos. Quase nunca começo um poema pensando "que mensagem eu quero

passar?", as idéias costumam surgir no processo, meio que "por acaso".

Neste sentido, o que as palavras fazem comigo? Elas me provocam, me cutucam, me desafiam a criar versos (ou poemas visuais) que as disponham de uma forma inesperada.

**CIEN-Digital:** Qual a importância de ofertarmos a palavra hoje?

**Leo Cunha:** A palavra literária, a palavra poética, é essencial, pois desvia a linguagem de seu curso habitual, e propõe outros cursos, entrecursos, intercursos. E, ao perceber estes recursos, a pessoa pode, quem sabe, desviar também seu pensamento.

**CIEN-Digital:** Você escreveu um romance cujo título é: FALAR. Um romance de amor e ódio. Por que este título?

**Edmundo de Novaes:** O nome do romance é mesmo Falar. Apenas Falar. Um romance de amor e ódio é um aposto que o

pessoal da editora deu. Em uma próxima edição, irei retirá-lo. Trata-se, creio, de uma explicação desnecessária, simplista e vazia de sentido. O título Falar veio em função de que o livro traz a fala quase suicida de muitas vozes em uma só. O eu lírico fala o tempo inteiro.

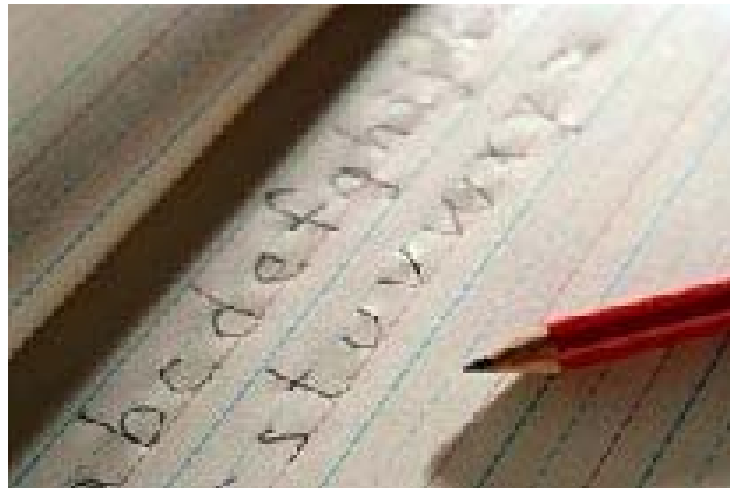
E assume tal fala como uma catarse, uma cura, um assassinato.

**CIEN-Digital:** O que você faz com as palavras ou, o que elas fazem com você?

**Edmundo de Novaes:** Brinco. As palavras me escrevem.

**CIEN-Digital:** Você já usou a palavra falada, por exemplo, como recurso terapêutico, isto é, como forma de curar uma dor?

**Edmundo de Novaes:** Sempre



## LABORATÓRIO LE NON-LABORATOIRE - PARIS

### A SENHA – DE UMA LÍNGUA A OUTRA

*Ariane Chottin Burger*

Mais se demora diante da porta e mais se torna estrangeiro.

Que se passaria se alguém agora abrisse a porta

e me colocasse uma questão? Não estaria eu próprio

como alguém que quer guardar seu segredo?

*Kafka, Heimkehr, "le Retour", 1916, in Recits et fragments narratifs.*

Há três anos, venho participando de um "pólo de mobilização" onde proponho conversações a grupos de jovens. Esses pólos, financiados pelo Conselho Regional, acolhem os jo-

vens de 16 a 25 anos, saídos do sistema escolar e enviados por missões locais para "definir um projeto profissional", assim como jovens estrangeiros em processo de aprendizagem da língua. Eles permanecem ali de seis a nove meses e fazem aulas de francês, preparam seu Curriculum Vitae, fazem estágios para, no final, se direcionarem a uma formação ou encontrar um trabalho.

Segundo um dispositivo simples inventado pelo CIEN [1], as "conversações" que eu proponho neste contexto, durante uma ou duas horas por mês e por grupo, são a oferta de um espaço de palavra, livre dos imperativos da aprendizagem, onde cada um pode "tomar a língua" com outros, se ele o desejar e à sua maneira.

Os formadores e as formadoras que acompanham os grupos, e para quem as "conversações" permanecem um pouco misteriosas (*Para que isso serve ao certo?*) me apresentam freqüentemente como "psicóloga". É necessário então, desde que transponho o limiar da sala, cuidar de dissipar a idéia de que eu estaria ali para

pressionar alguém a se revelar. Dispensar a "tristeza que faz que o psicólogo, para não alicerçar seu setor senão da teologia, quer que o Psíquico seja normal, mediante o que elabora aquilo que o suprimiria".[2]

Minha orientação é totalmente outra: nenhuma norma à qual se referir, nenhum horizonte de conformidade ou de adaptabilidade, nenhuma obrigação de produzir uma fala sobre si, nenhum segredo que se deva revelar e, so-



bretudo nenhuma violência interpretativa. Trata-se de outra aposta. No momento em que circulares, projetos de leis, medidas de prevenção [3] concorrem para designar os jovens e os estrangeiros como uns bodes-expiatórios, que é preciso corrigir, fazer a assepsia da linguagem, a aposta dessas conversações é de buscar despertar um sabor, um gosto de dizer e de se escutar dizer que faça surpresa, e que possa talvez suscitar "pequenos deslocamentos". Procurar fazer com que se entreabra uma porta por onde as palavras passem vivas, de uma língua a outra.

Naquele dia, um grupo de quinze meninos e meninas. Corpos vencidos pelo cansaço, olhares apagados, celulares no vibrador, fones de MP3 enganchados a diferentes alturas do pescoço ou das orelhas, vozes soltando daqui e dali uns suspiros e interjeições, capuzes sobre as cabeças, cabeças por vezes nos braços lançando um "Bom dia senhora" depois, algumas perguntas: "a gente vai fazer o que com você?", "ooooh, parece que você é pssssicóloga?", "A gente não é louco!", "A gente está aqui para encontrar um trabalho, a gente não aprende nada, fazemos conosco uma coisa qualquer! "A mim, senhora, isso me enche". O desânimo culmina quando eu proponho que se partilhe um momento de conversação. Eu os ouço suspirar, gemer: "Mas a que isso serve?", "Mas de que a gente vai falar?", "Mas eu não tenho

nada a dizer!". O que eles vêem simplesmente nesse instante é que isso não me abala, eu não me deixo comover, o desânimo deles não encontra o meu.

Para me endereçar nesta sala de aula àqueles que abandonaram a escola – que se afastaram, fugiram, se desligaram por razões que misturam o mais íntimo de uma escolha frequentemente deixada muda, dificuldades familiares, sociais e econômicas que quase todos enfrentam, acontece-me de me separar de meus pressupostos e de ouvir. Ouvir suas advertências – "mas Senhora, como quer que nós falemos juntos, nós não falamos a mesma língua" –, a fineza dessas advertências – "a língua **que falamos** na cidade é a mesma coisa que o **verlan** (NT) para os prisioneiros, há muito tempo. É feito para não ser compreendido" – a dor que ai se encontra retida – é uma artimanha. "Para nós está fudido. Eu, eu não quero que meu filho fale a mesma língua que eu".

Para me acolher eles me oferecem de início o desconforto. O osso da hospitalidade. Para que alguma coisa se coloque em movimento, eu devo me apoiar sobre o que eu não sei.

Isso fala, indistintamente, é isso o mais difícil (mesmo se eu enuncio, como única regra para conversar, que apenas um fale de cada vez para que os outros possam escutar), todos falam ao mesmo tempo ou se calam ao mesmo tempo e é preciso esperar que o murmúrio se

esgote. E neste murmúrio, outras palavras fusionam, lançadas como bolas de um ao outro, muito rapidamente, como eles fazem fora, fora dessas salas, quando eles estão de pé na entrada, quando eles estão perto de suas casas, quando eles estão entre eles. É aí que eu entro. Eu intercepto um passe. Eu demorei a poder fazê-lo, a encontrar o "tempo", pois a habilidade deles é estupenda. É o que eu faço, desde a pouco tempo. O que eu intercepto então entra logo em um espaço modificado, está claro. Naquele dia um lançou ao outro "Hei, bastardo!" respondendo a qualquer coisa encoberto pelo murmurinho. Bastardo se destacou, oscilante, beirando a injúria, prolongado de um olhar interrogativo rápido em minha direção. Sim, sim, eu tinha ouvido e aí, eu pego: "Bastardo" muito bem! "Começamos assim..." Risos, brilhos nos olhos.... Que piada é esta?

No "a posteriori" me pareceu que o que se ouvia é o que Freud chama "chiste". Somente a palavra trazida pelo chiste podia abrir os portais da língua comum. Em "O Chiste e suas relações com o inconsciente" [4], Freud utiliza a metáfora do significante pleno e do significante vazio e também aquela da sílaba descolorida, para designar o que o chiste quer reavivar. Um primeiro deslocamento acontece neste instante, a palavra projetada na nova combinação toma seu sentido pleno – sendo ele opaco –, ele gira

sobre seu eixo, eu tenho a responsabilidade de recolocar a bola em campo.

No fundo é um pouco como se eu me apossarasse de uma forma de convite ao jogo que eles teriam formulado à sua revelia, despertando meu desejo de entrar no "entre-es" deles. Aconteceu assim, de interceptar um passe, uma palavra lançada através das mesas, não em direção a mim, jamais em direção a mim, mas diante de mim. Apesar de tudo. Foi assim que me aconteceu de me fazer o endereço disso. Eu relanço imediatamente me endereçando àquele que falava: "o que é para você um bastardo?", ele bufa, faz um pouco de cara feia, eu foco, depois amplio: "Diga-nos, o que é que isso quer dizer? Quem gostaria de dizer o que isso quer dizer para si? Vamos, vamos aí, da forma que vier...". Primeira manifestação: "Bem, é alguém que vive fora"; "Sim, é um cara que está na rua, ele vive na rua, ele não tem nada".

Eu me levanto e escrevo no quadro as definições que eles propõem e o que se associa, momentos da história, pedaços da cultura geral. As questões se entrelaçam, a conversação está caminhando, ela circula entre nós. Sobre a parede, o quadro se abre como uma janela e desenha um ponto de apoio inesperado, os corpos se viram para ele, os olhares também. O desejo de dizer o atravessa. Eu sinto que eles sentem o movimento do espírito que Freud chama Witz. Há alegria, riso, surpresa, uma

rapidez com a qual estamos todos estupefatos, talvez eu mais ainda. A língua é viva, se desloca entre nós, cada um trazendo suas associações, suas lacunas, suas afirmações, cada um aceita de se fazer sacudir pelo outro. Sem que nos demoremos aí, sem pesar jamais, cada um ouve a formidável potência do encontro com o outro na língua, cada um experimentando um alívio, e é este alívio que desequilibra, que faz vacilar as certezas, as preguiças, o cansaço. A conversação se torna o fermento de um engendramento de sentido, a partir de um aviso de recebimento que o quadro materializa, e este engendramento leva ao sem sentido definido por Lacan como um passo à frente do sentido[5]. Minha responsabilidade se liga agora a uma forma de garantia, cabe a mim garantir, como se diz em ginástica quando um exercício comporta um risco e exige a presença próxima de alguém que previna o risco. Eu não questiono jamais diretamente, mas exatamente "ao lado", eu asseguro àquele que toma a palavra, o que quer que diga, eu asseguro o risco que sua enunciação comporta para velar o que expõe demais e para

que o momento fique acolhedor para cada um. Por vezes eu fracasso. E aí, ainda, eu aprendo.

No quadro – eu escrevo algumas de suas palavras – rapidamente: "Bastardo – o que vive na rua, que foi posto para fora, quem não tem nada, SDF (sem domicílio fixo), a miséria, alguém que não estimamos, que se joga fora, quem não tem valor, quem não tem dinheiro,





quem não tem nome, quem não tem o nome de seu pai, um dejetivo, um cachorro –, isso não é completamente malvado, depende de como é dito. Bastardo – há cachorros de raça e os outros, freqüentemente se diz que eles são menos belos mas mais inteligentes”.

Bastardo – como uma raça se fabrica? Bastardo – nascido de uma união ilegítima nos tempos dos reis, a raça isso existe? Nem todo o mundo tem o mesmo sangue, isso se vê! Bastardo – O que é a raça humana, a ideologia da raça, Hitler, o nazismo, a raça pura, a extermínio de seres humanos? Bastardo – ele não tem culpa nenhuma, porque é uma injúria? É como homossexual; é íntimo, como se houvesse um segredo, qualquer coisa de sexual. Bastardo – é

como uma marca, uma diferença, uma culpa, um insulto, isso faz pensar em um nome próprio.”

A leitura de Lacan do texto de Freud sobre o chiste, em seguida, aquela de Jaques-Alain Miller do seminário de Lacan iluminam o horizonte. Ao centro de seus desdobramentos o tesouro do Witz brilha como uma senha. Seria a condição para que as paredes das línguas separadas abrissem uma fenda? Que as identificações se afrouxem? As palavras passam. “Bastardo” se dispersa, ele dissipa a língua – e seu estatuto, na franja de vários usos no discurso, tem também uma parte nisso – ele a renova. Não há Witz sem o aviso de recepção do Outro, “não há Witz sem Outro para acolher o novo surgido na língua”. Não há Witz sem esse Outro para o autenticar.[6] “Para guardar este Witz vivo, foi preciso desentocar, sob a arrogância das frases deles, a artimanha do entre-si, o uso da boa palavra ou da proeza da provocação, o espetacular que não busca a surpresa e não troca o espírito senão para congelar a troca em “cena”. Sobretudo, que isso não se transforme em show, que o chiste não faça receita – mesmo se eles brincam com isso, eles não deixam de saber que é o engodo supremo que se lhes estende – aquele das mídias

obstinadas com a morte da língua viva sob a máscara do riso. Completamente outra é a vertente do Witz onde o prazer do espírito acordado abre um espaço no qual as pequenas e grandes estranhezas abrem caminho – Freud[7] – conjuntamente e por uns tempos se convidam, noivam ou se esposam.

Um espaço amplo onde isso sonha, isso falha, isso ri. “É por aí, diz Lacan, que vale o sujeito. Se alguma coisa nos restitui o sentimento de que há um lugar onde a gente o detém, onde tem que se haver com ele é nesse nível que se chama inconsciente. Porque tudo isso falha, ri, sonha.” [8].

A etimologia de bastardo que cada um propõe é sonhadora. Na sua seqüência, são um campo de pensamentos latentes a desdobrar sem os melindrar, fulgurâncias de analogias e de associações. Eu asseguro: não se trata de modo algum de verdade absoluta, de definição intangível. Ramificações cobrem o quadro. Uma forma de paixão inesperada aparece: duas questões em particular – o sangue é o mesmo quando a cor da pele é diferente? E as transfusões? Porque uma injúria é mais perigosa do que outra? Quais injúrias visam o mais íntimo do ser? – levando mais longe a vontade de dizer. Naquele dia, falamos da segunda guerra mundial que eles conhecem pouco, de Hitler, e também do livro de Robert Antelme. Falamos do “que não se pode suportar ouvir”, daquilo



que é desnudado quando a gente é “tratado”, da sexualidade, da surdez também. A vontade de saber empurra as reticências, os embaraços, as vergonhas, as vozes se colocam, os olhares relampejam. Fica no horizonte o que não se pode dizer.[9]

Eu repenso no que diz Lacan sobre a senha: “não se pode negar que a senha tenha as virtudes as mais preciosas, visto que ela serve simplesmente para evitar que você seja morto [...] a senha é aquilo graças a que, não se reconhecem os homens do grupo, mas o próprio grupo se constitui como tal”. [10] Longe do forçamento, longe da exigência de produção de uma fala que tem como única visada fazer calar o sujeito, eu gostaria que essas conversações brilhassem como as senhas, que sirvam para que esses jovens revivifiquem o pacto da palavra, para que o laço à língua do Outro evite ser morto,

que na hospitalidade simples das pequenas ficções que podem se semi-dizer aí, a exclusão se revista de uma veste de exceção.

Posteriormente, há também o esquecimento naquele dia: ao final da hora, quando todo mundo se levanta, fico perturbada pelo modo que eles têm de me dizer até logo, de me perguntar quando haverá outra conversação, e eu não apago o quadro antes de sair. A formadora, que segue junto com o grupo pelo resto do dia, me comunica alguns dias mais tarde, seu espanto entrando na sala: “quando eu vi essas palavras no quadro, eu me disse: qualquer coisa de forte se passou”, ela fala disso com eles e uma outra conversação se engaja.

Desde então eu não apago mais o quadro. Não é uma receita, isso não suscita a cada vez alguma coisa. É de preferência da ordem de um traço, o traço do que “se passou” nesse lugar.

*Ariane Chottin – Burger – participante do Laboratório Non-Laboratoire do CIEN em Paris e membro do Comitê de Redação da Revista Vacarme*

*Tradução: Mônica Campos Silva*

*Revisão: Maria Bernadete de Carvalho*

## Notas

- 1) Vacarme n. 22 “Le pari de la conversation du CIEN”, Philippe Lacadée.
- 2) Jacques Lacan, “L’Étourdit”, in *Autres Ecrits*, Le Seuil, Paris, 2001, p. 455.
- 3) [http://www.vacarme.eu.org/article480.html?var\\_recherche=benisti](http://www.vacarme.eu.org/article480.html?var_recherche=benisti)
- (NT) Verlan, trata-se de um uso particular da gíria em que há um procedimento que consiste em inverter as sílabas de certas palavras.
- 4) Sigmund Freud, *Le mot d’esprit et ses rapports avec l’inconscient*, Idées Gallimard, 1930.
- 5) Jacques Lacan, *Séminaire V, Les formations de l’inconscient*, Le Seuil, Paris 1998, p. 51.
- 6) Jacques-Alain Miller *Du nouveau! Introduction au Séminaire V de Lacan*, Ed. Rue Huysmans, 2000, p. 24.
- 7) Freud rapporte à propos du mot d’esprit d’un Viennois le double sens de “Freiung”: lieu d’asile ou demande en mariage.
- 8) Jacques Lacan, *Mon Enseignement*, Le Seuil 2005, Collection: “Comment faire pour enseigner ce qui ne s’enseigne pas?” p. 103.
- 9) Jacques-Alain Miller *op. cit.* “Ce qui ne peut pas se dire est à l’horizon de tout ce qui se dit. Voilà une fonction qui, pour Lacan, relève du réel du langage.”
- 10) Jacques Lacan, *Des Noms-du-père*, Le Seuil 2005, Collection: “Comment faire pour enseigner ce qui ne s’enseigne pas?” p. 28.



## MEDIDAS DE LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

### DEPOIMENTO SEM DANO?

*Mônica Campos Silva*

A oferta da palavra hoje e o uso generalizado da fala nos faz interrogar se falar faz bem e, principalmente, o que falar quer dizer?

Em um tempo em que estas questões nos ocupam, principalmente diante do imperativo da fala como um enredamento de bem estar, foi aprovada a indicação do **Depoimento Sem Dano** no Estatuto da Criança do Adolescente e no Código Civil.

O Projeto de Lei nº 4126 que visa alteração do Código de Processo Penal e do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, nas disposições especiais relativas à inquirição de testemunhas e produção antecipada de prova nos crimes contra a dignidade sexual com vítima ou testemunha criança ou adolescente, foi aprovada pela Câmara dos Deputados.

O projeto **Depoimento Sem Dano** foi implantado em 2003 na 2ª Vara do Juizado da Infância e Juventude de Porto Alegre com o objetivo de promover a proteção psicológica das vítimas de abuso sexual, permitindo a

realização de instrução criminal tecnicamente mais apurada.

O **Depoimento Sem Dano** – DSD –, também prevê a possibilidade de produção antecipada de prova no processo penal, antes do ajuizamento da ação para evitar sucessivas inquirições da vítima ou testemunha, criança ou adolescente, nos âmbitos administrativo, policial e judicial.

O método permite a realização de audiência, simultaneamente, em duas salas integradas por equipamentos de som e imagem. Em espaço protegido – ambientado de acordo com a idade do depoente –, este último presta depoimento a uma Psicóloga ou Assistente Social. Na sala de audiências ficam o juiz, promotor, advogado e partes. O magistrado faz perguntas, através de equipamento de áudio e vídeo, por intermédio do profissional, devidamente designado pela autoridade judiciária, que se encontra com a vítima, transmitindo a estas as perguntas do juiz e das partes.

Desta forma, entende-se não haver prejuízo do depoimento, bem como presença de fator de constrangimento em face da condição peculiar de pessoa em desenvolvimento da vítima. Concomi-

tamente, é efetivada a gravação de som e imagem que é anexado aos autos do processo judicial.

Suas justificativas são: salvaguardar a integridade física, psíquica e emocional do depoente, considerada a sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento; por motivo de idade do depoente, para que a perda da memória dos fatos não advenha em detrimento da apuração da verdade real; para evitar a revitimização do depoente, com sucessivas inquirições sobre o mesmo fato, nos âmbitos criminal, cível e administrativo.

Quais as conseqüências que esse tipo de “oferta da palavra” pode produzir? Seria o desvanecimento da causalidade psíquica como resposta à ausência de um lugar para o enigmático e para o que irrompe de forma inesperada?



## OS JOVENS FORA-DA-LEI, O TRATAMENTO INSTITUCIONAL E A ABORDAGEM PSICANALÍTICA

*Ana Maria Schneider, Maria Consuelo A. Ferreira, Maracélia Müller, Tânia Verona, Teresa Maria A. Pavone*

No contexto das práticas propostas para intervir sobre os efeitos devastadores (exclusão e violência) que a lógica do mundo atual acarreta para a criança e o jovem, a conversação no laboratório tem se constituído num espaço em que a palavra pode ser colocada pelos profissionais sem as "amarras" institucionais. Dentre os profissionais envolvidos nestas ações existem aqueles que se mostram mais sensíveis à questão do singular, ao que é próprio de cada sujeito. Por esta razão têm a possibilidade de colocar sob suspeita o saber estabelecido a priori. Pode-se dizer que é este o traço que marca os profissionais membros do laboratório, traço que lhes possibilita assumir a posição de agentes provocadores da fala do sujeito.

Esta possibilidade de se colocar e construir saídas – invenções – para as questões e impasses vivenciados na atuação junto aos jovens, se

dá pela instauração de um espaço de troca interdisciplinar, sustentado pelos profissionais envolvidos, orientados na via de um "não-saber", cavando um lugar vazio entre os discursos fundamentados na mestria.

Neste laboratório, a busca pela fala do sujeito se faz presente na atuação junto a jovens que inscritos nas penalidades da justiça, são fortemente identificados aos significantes sociais que os determinam – menores infratores, fora-da-lei, delinquentes. Estes jovens encontram-se sufocados na dimensão de sua singularidade, do nome próprio de sua demanda e da unicidade de seu sintoma.

A possibilidade de nomear o mal-estar, sejam os embaraços dos profissionais acerca da transferência entre eles e os jovens, seja o da relação com a dinâmica institucional, é um dos efeitos salientados pelos membros deste laboratório, revelado pela fala de um dos componentes: "Aqui (no laboratório) eu posso falar!".

O que se pode falar no laboratório, neste espaço aberto pela proposta da psicanálise, pela presença do discurso psicanalítico e do psicanalista entre outros profissionais? Pode-se falar justamente do mal-estar, dos impasses e do fracasso, da impossibilidade de tudo responder prontamente com saberes pré-estabelecidos.

No ponto nevrálgico, em que os profissionais se deparam com o impossível de tudo reegrar, abre-se um espaço para a diferença e

para a criação de novas soluções por meio da troca interdisciplinar. Acreditamos que neste ponto se pode fazer um uso da palavra, extrapolando "dizer" das falas que circulam. Na justa medida da valorização das interrogações sobre as intervenções que se pretendem junto aos jovens, leva-se em conta o mal-estar inerente ao "falasser" e aos grupos humanos.

Escutar não é ouvir a dimensão do dito, mas da enunciação dos sujeitos envolvidos, tanto profissionais, quanto dos jovens alvos de múltiplas ações na instituição.

A conversação proposta pelo CIEN permite, do lado dos profissionais, uma nomeação de seus impasses, de seu mal-estar, daquilo que os afeta ao se depararem com os sintomas de jovens que acometidos pelo "excesso de identificação"<sup>2</sup> repetem-se em atuações violentas contra si e contra seus semelhantes. Além de viabilizar a ampliação da dimensão de escuta

<sup>2</sup> Termo utilizado por Eric Laurent no texto "Retomar La Definición Del Proyecto Del Cien Y Examinar Su Situación Actual"- El Nino N°10, p. 16 e 17- Apresentado no II colóquio do CIEN. "El don de la Palabra". O autor abordar neste ponto as questões relativas aos jovens tidos como delinquentes e a relação com suas identificações fundamentais. Descreve como os dispositivos da palavra fora da sessão analítica, através da transferência, podem produzir um desajuste das identificações e responsabilizar os sujeitos em questão, por suas posições e atos.

do sujeito com os demais profissionais da instituição, que ocupam uma posição de desenvolver e executar junto ao adolescente o que está posto nas normas e programado pela instituição. Do lado dos jovens, muitas vezes, a conversação possibilita a formulação de demandas e nomeação de algo de seu sofrimento faz uma diferença. Nossa experiência demonstra, não sem grandes esforços e dificuldades, que a conversação proposta pelo CIEN pode, em alguns casos, diminuir a tensão agressiva que permeia os laços sociais neste tipo de instituição.

## NOTAS

- (1) Termo utilizado por Eric Laurent no texto "Retomar La Definición Del Proyecto Del Cien Y Examinar Su Situación Actual" - El Nino n°10, p. 16-17 - Apresentado no II colóquio do CIEN. "El don de la Palabra".  
O autor abordar neste ponto as questões relativas aos jovens tidos como delinquentes e a relação com suas identificações fundamentais. Descreve como os dispositivos da palavra fora da sessão analítica, através da transferência, podem produzir um desajuste das identificações e responsabilizar os sujeitos em questão, por suas posições e atos.

## ENTRE AS FRONTEIRAS DAS PRÁTICAS SÓCIO- EDUCATIVAS

Renata Lucindo Mendonça



O CIEN através do laboratório, tem ofertado a palavra tanto para aqueles jovens considerados excluídos da sociedade quanto para os diversos discursos implicados com as questões que os adolescentes nos colocam hoje. É um lugar onde podemos escutar aquilo que atravessa o sujeito e a cidade.

O laboratório "Entre as fronteiras das práticas sócio-educativas" tem como um dos objetivos de suas discussões, pensar as práticas relacionadas a essas medidas que visam, tem o seu olhar sobre o adolescente.

A pergunta que norteia as nossas conversas é: O que define uma prática como sócio-educativa?

Mostrou-se importante cunhar uma orientação diante desta questão, pois a ausência de uma orientação faz consistir a funcionalidade segregativa de soluções que, alinhando-se à lógica da adaptação e repressão, mortificam a convivência pelo engessamento das regras dos regimentos institucionais ou na exigência de eficácia das políticas públicas. A prática sócio-educativa faz-se viva quando se orienta a partir do saber do sujeito adolescente, abrindo uma porosidade na exigência absoluta dos significantes mestres que *cotidianamente* é tecido através dos discursos, a saber: os discursos jurídicos, pedagógicos, políticos, psicológicos e

sociais.<sup>3</sup> Estas práticas visam o adolescente infrator seja aquele que cumpre medida ou não.

A infração de um adolescente afeta diretamente a cidade – as políticas públicas de forma geral, a saúde e a economia do país – cruzando-se, muitas vezes, com o discurso do direito. A infração tanto pode ocorrer no âmbito social quanto no âmbito subjetivo, já que todo ato agride o sujeito que atua e o Outro social. As infrações podem ser representadas através de uma pluralidade de nomes às várias atuações: seja na vertente do crime (narcotráfico, gangues, assaltos, seqüestros) ou aquelas "silenciosas" tais como: a gravidez precoce, a toxicomania, o auto-extermínio etc.

O que verificamos no laboratório é que cada vez mais seus participantes – sejam eles representantes dos mais diversos discursos como o educacional, religioso, sociológico, legislativo –, têm se interessado em escutar algo do sujeito através do que se apresenta no ato dito infracional.

O tema da Manhã de Trabalho do CIEN Brasil *O que falar quer dizer?* Traz como questão fundamental a oferta da palavra deixando a escuta a posteriori já que "*se oferecer como destinatário da fala do sujeito, põe em funcio-*

*namento o discurso do inconsciente*"<sup>4</sup>, a partir da oferta da palavra algo do inconsciente pode surgir.

O discurso da psicanálise pode, através da presença de um psicanalista no laboratório, dar lugar à voz do sujeito sem deixar que os saberes se sobreponham à palavra.

Podemos escutar fora do standard – as formas do dizer e da angústia, dos encontros e reencontros, dando voz aos discursos e dizeres muitas vezes rechaçados pela sociedade ou visto como algo vazio e vulgar.

Em um de nossos encontros a palavra foi dada aos Raps – aqueles feitos pelas meninas e meninos de Belo Horizonte. Música e letra tentam tratar do amor, da violência, do sexo... do Real.

É com este recurso que estes adolescentes dizem daquilo que os causa, da angústia e do mal que os afligem. Como um dos criadores ensinou-nos: "Eu só coloco aquilo que já acontece"; talvez possamos dizer que ele não coloca, simplesmente, em palavras aquilo que já acontece, mas, através da fala, da música, ele faz uma borda ao Real e se liga ao Outro dando-lhe um ritmo, o que teria sido feito por uns em atos de ruptura.

Transformar isto em música e letra é expor aos outros uma nova forma de lidar com a angústia, em nossa contemporaneidade, momento em que o dizer deixou seu lugar à busca incessante pela satisfação.

No Laboratório então, constatamos que a primazia da palavra, "a conversação" autoriza o sujeito a dizer; dizer o que lhe causa, dizer do trabalho feito, dizer da repetição, poder dizer das saídas possíveis, daquelas impossíveis... Lugar onde a ciência, não se sobrepõe ao sujeito e onde a falta, o desejo pode ser escutado.

Éric Laurent na entrevista para o La Nación responde à pergunta:

"Como podemos novamente dar lugar aos excluídos?" Ele diz: "Dando-lhes a palavra. Embora não tenham poder de compra, têm o poder de voltar a tomar pé em seus destinos, reatar o fio de sua história, encontrar uma solução quando possível".

Parece que o tema: "*O que falar quer dizer?*" vem escutar a partir dos Laboratórios o que os sujeitos podem dizer das saídas possíveis, aquelas encontradas no dispositivo de cada laboratório em suas discussões interdisciplinares colocando na cidade a ação e orientação lacanianiana. Ofertando voz principalmente ao sujeito do inconsciente e àqueles que estão ou não, fora do circuito do poder de compra.

<sup>3</sup> Proposta do Laboratório – coordenado por Fernanda Toni de Barros - enviada para inscrição no CIEN.

<sup>4</sup> DRUMOND, Cristina. "Como fazer com a transferência?" in biblioteca online EBP, p. 02.

## A OFERTA DA PALAVRA HOJE: O QUE FALAR QUER DIZER?

### PONTES ENTRE O NADA E O LUGAR NENHUM

*Núcleo Pandorga: Eneida Medeiros Ramos, Cinthia Busato, Jussara Bado, Marise Pinto, Mariana Zelis (\*)*

"Sou frágil o suficiente para uma palavra me machucar, como sou forte o suficiente para uma palavra me ressuscitar" (\*\*)

O que falar quer dizer? Esta pergunta já nos orienta à uma distância entre falar e dizer. Desde Freud isso já está dito, embora sempre tenha sido falado. Disso sempre falaram os poetas, muitos filósofos.

A psicanálise trouxe a notícia de que o sujeito não sabe o que fala.

Numa análise trata-se da fala. Para isso, há que se ter uma escuta. A escuta analítica é a escuta do vazio, daquilo que, da fala, escapa ao sentido e aponta na direção de um enigma singular: o enigma do sujeito em relação a sua satisfação.

Mas como servir-se dessa orientação analítica no encontro com outros discursos, na formação de um laboratório?

O núcleo Pandorga depara-se com esta questão em nossa aposta em direção a uma inserção na cidade através do espaço que se configura na semente de um laboratório em formação.

Este espaço foi aberto por um convite feito ao Núcleo Pandorga, pela direção de um Núcleo de Ensino Infantil da prefeitura de Florianópolis, devido à dificuldade em lidar com a agressividade e as manifestações sexuais em crianças de 3 a 6 anos.

Frente a este desafio, a orientação lacanianiana nos é fundamental: seguirmos a direção "de um saber inédito fazer um dito"(1), nos pautarmos pela não-garantia e no saber-fazer singular e com isso nos protegermos da "preocupação terapêutica", esta que segue em direção a

universais e, com isso, invalida o aparecimento do dito.



Neste sentido, num primeiro momento, trata-se mais de ofertar uma escuta do que de fato ofertar palavras, trata-se de "ir catando a poesia que espalhas no chão.", como diz o poeta.(2) Porque é sempre a partir de uma escuta que um dito aparece.

Jacques-Alain Miller, em seu curso "Um esforço de poesia", na décima primeira lição do curso, orienta-nos quanto a esta possibilidade de inserção da psicanálise no social. Ela vai na direção da conformidade de destino entre psicanálise e poesia. Partindo da constatação que foram os poetas os primeiros a perceber que nascia um mundo novo regido pela utilidade, "a utilidade direta", como dizia Edgar Allan Poe, e que este mundo expulsava a poesia, a psicanálise se posiciona ao lado dos poetas na tarefa de reencantamento do mundo.

Reencantamento enquanto algo que resiste à lógica utilitarista, de uma aposta a que algo de mistério subsiste e é nessa direção que tanto

a psicanálise como a poesia seguem. Miller ressalta que isso se passa por uma fé feita a uma utilidade indireta "nos abstraímos de toda avaliação de utilidade direta". Do olhar, passar para o dito, indo de encontro ao Outro, indo de encontro ao laço social.

O sujeito pode negligenciar a procura do que é comum, aí está a poesia? É a fala e o que ela comporta de "fratura íntima", esta terra estrangeira interna, como Freud designa o recalçado, que dá substância ao inconsciente. Cito Lacadée:

"Se a psicanálise restitui a particularidade de cada um, é precisamente por não cair em um determinismo utilitarista ou consolador e por apostar nas fontes inventivas e poéticas da contingência, do equívoco, do encontro".(3)

Então, é do mal-entendido, naquilo que permanece entre as palavras, o dito aparece. Dito esse que nos insere no laço social, mui-

to mais pelo viés de celebração em torno do momentâneo cessar do mal entendido, do que verdadeiramente pelo sentido. Aí a palavra e a escuta vão em direção ao comum em saberes diferentes. É com elas que podemos construir pontes que, diferentemente do mundo utilitário, para nós psicanalistas, são de grande utilidade indireta!

---

#### NOTAS:

(\*) Este Núcleo inscreve-se na Rede Cereda e seus componentes iniciam um projeto de Laboratório do CIEN.

(\*\*) Queirós, Bartolomeu Campos de. "Ciganos". 14. ed. São Paulo: Global Ed., 2004.

(1) Lacadée, Philippe. "A vinheta prática tal como ela se elabora no laboratório do Cien". In: CIEN-Digital 2, dez. 2007.

(2) Buarque, Chico. in "Vitrines".

(3) Lacadée, Philippe; ibdem. compra.





---

CIEN-Digital agradece a todos que contribuíram na elaboração deste número.

Envie-nos seu texto até 2.000 caracteres para [mariarita.guimaraes@gmail.com](mailto:mariarita.guimaraes@gmail.com).

---

**Editor:** Maria Rita Guimarães

**Co-editor:** Cristiana Pittela de Mattos

**Conselho editorial:** Cristiane Barreto Nápolis, Ludmilla Féres Faria **Consultor:** Célio Garcia

**Patrocínio:** Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais - IPSM-MG.